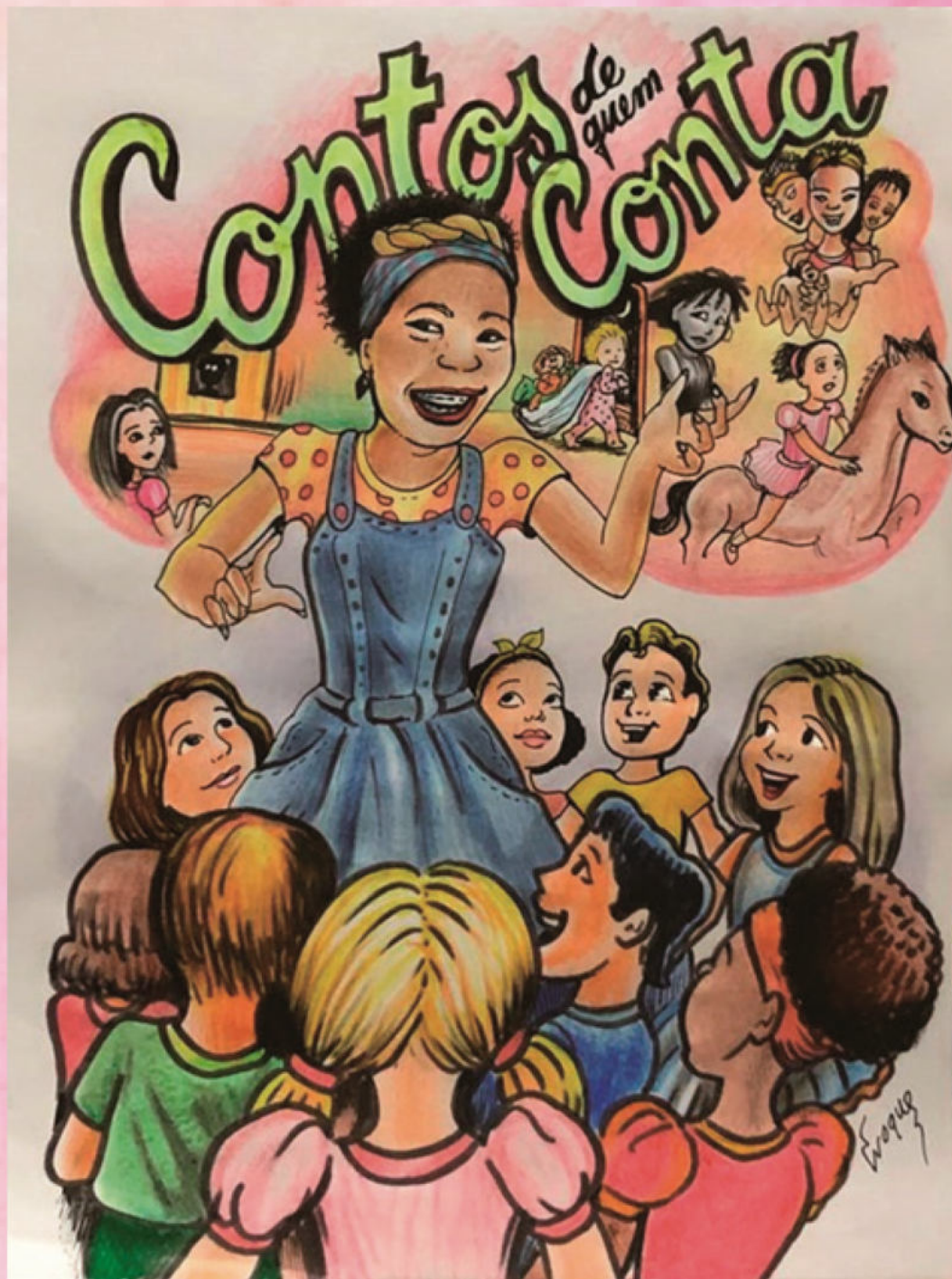


Edilma Silva Santos



Coleção Palavra de Educador (a)

EDILMA SILVA SANTOS

**CONTOS DE QUEM
CONTA**

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
Belivaldo Chagas Silva

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE
Eliane Aquino Custódio

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA
Josué Modesto dos Passos Subrinho

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO
José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE
Mariana Dantas Mendonça Gois

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC
Sidiney Menezes Gerônimo

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC
Jonas José de Matos Neto

Membros do Conselho Editorial:
Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

Contos de Quem Conta.

Ilustração: Enoque Alves Frades Neto

Revisão Textual: Solange Melo Vilas-Boas Oliveira

Diagramação: Paulo Sérgio da S. Lacerda e Isabela de Abreu Hsu

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S237c	Santos, Edilma Silva
	Contos de quem conta / Edilma Silva Santos. – Aracaju : Editora SEDUC, 2021. 85 f. : il. color – (Coleção Palavra de Educador (a))
	ISBN
	Digital: 978-65-5371-041-2
	1. Contos Sergipanos - Literatura Infanto-juvenil. I. Santos, Edilma Silva. II. Título.
	CDU: 82-34(813.7):82-94

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037



Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

O Programa Editorial da SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

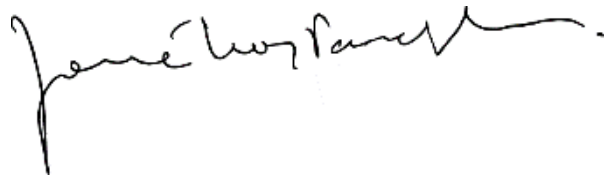
A magia de escrever e desenhar é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção

Autores(as) da inclusão abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

PREFÁCIO

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”. Fanny Abramovich (1991, p. 16)

As palavras da consagrada escritora de literatura infantojuvenil, Fanny Abramovich, carregam a base na qual este livro, cheio de magias e encantos, sustenta-se ao levar o leitor a uma viagem no mundo do imaginário. É que ler ou ouvir histórias fantásticas em contos e recontos aciona funções inenarráveis da mente humana, que são incrivelmente impulsionadoras do imaginário. Digo isso por experiência própria: meu avô contava-me lindas e, às vezes, assustadoras histórias que faziam minha mente construir cenários e personagens, como se eu estivesse dentro de cada conto, vendo tudo de pertinho. Ah, como é incrível essa capacidade nossa!

São exatamente essas descobertas, num passeio à imaginação, que a autora Edilma Silva Santos propõe nessa obra “Contos de Quem conta”. Em cada conto há aprendizados, os quais têm seus fundamentos em vivências e experiências literárias da própria autora que, criativamente, oferece ao leitor não apenas simples histórias, mas lições de vida em cada um de seus contos. Afinal, a formação do leitor é um dos principais papéis da

literatura infantojuvenil, e não se configura apenas no âmbito da competência leitora, mas também no âmbito das competências socioemocionais, porque é através da ludicidade, presente nesse gênero literário, que educadores e pais ensinam atitudes importantes para vida a seus alunos e filhos.

Em cada conto há um sentimento que impulsiona o leitor a fazer descobertas sobre si e compreender o mundo que o cerca, pois, as histórias apresentam lições de amor, solidariedade, fraternidade, acolhimento, dedicação, coragem e muitos outros sentimentos que ensinam crianças, jovens e adultos a ter um olhar mais leve e positivo acerca das relações humanas e, conseqüentemente, da vida.

Sua forte relação com a literatura, desde sua infância, por meio de seu pai - poeta areia-branquense que colaborou para a cultura local -, assim como sua prática profissional como pedagoga e arteeducadora nas redes estadual e municipal de ensino, contribuíram para que Edilma Silva Santos se tornasse atualmente uma representação consistente da literatura infanto-juvenil de nosso estado, apesar de inserir-se na área da produção literária há cerca de um ano.

A mais nova escritora e contadora de histórias carrega na bagagem novas propostas e ideias que auxiliarão para seu percurso como escritora daqui para frente. Certamente, seremos presenteados com novas viagens ao mundo do imaginário que nos levarão a novas descobertas e compreensão do mundo.

Solange Melo Vilas-Boas Oliveira
Professora e Revisora Textual

Escrever é um prazer inenarrável. É com grande alegria que dedico este livro a todos que fazem parte do meu dia a dia, especialmente aos meus alunos!

SUMÁRIO

1 - Cabelo de Menina Preta.	11
2 - A Caridade de Joana.	15
3 - O Balanço.	17
4 - Banho de Gato.	19
5 - O Segredo do Curumim.	21
6 - Caprichosa.	24
7 - As Estudantes.	26
8 - Memória Cheia.	31
9 - Um Recreio Diferente.	33
10 - As Gêmeas de Quatro Letras.	36
11 - Saori, a Lagarta Estudante.	39
12 - A Sala da Professora Coruja.	44
13 - Pelico, o Papai Pelicano Amoroso.	48
14 - A Festa da Cuca.	51
15 - Preta do Carvão e as Gigantes.	54
16 - Amara e Antonela.	58
17 - Jéssica.	69
18 - Um Fantasma Prateado na Aula de Arte.	71
19 - Bicudo, Uma Avezinha Diferente.	81
20 - Os Dandares da Minha Leitura.	85

CABELO DE MENINA PRETA



Laurinha, uma menininha de quatro aninhos, nasceu na cidade de Palmares, de pele preta e cabelos crespos. Sua mãe costumava fazer-lhe tranças, para que esses não virassem uma moita em cima de sua cabeça.

— Ai, mãe! — gritava Laurinha, enquanto sua mãe, com muita paciência, penteava-lhe e falava-lhe com jeitinho:

— Se eu não trançar direito, o seu cabelo vai ficar todo emaranhado, filha.

— Preciso amarrar essas pontas para não soltarem depois.

O cabelo de Laurinha, além de grande, era cheio; por isso, todas as vezes que a mãe lhe penteava, era aquele sofrimento.

Fazer tranças era um costume há muitas gerações de sua família, e a mãe da menina sabia trançar como ninguém. Aprendera com sua mãe, que aprendera com sua avó, que aprendera com sua bisá que dava seguimento à sua ascendência palmarina.

As tranças eram de todos os jeitos: raiz, rasteira, nagô, agar-radinha, de carreirinha, enroladas em laços, em turbantes... E Laurinha sempre estava bem penteada. Mas o que ela queria mesmo era ver seus cabelos soltos.

Certa vez, assistindo televisão, Laurinha viu um comercial de creme capilar para deixar os cabelos crespos mais soltinhos e balanceáveis.

— Compra, mãe! Tenha pena de mim! — dizia Laurinha, implorando para a mãe comprar o produto.

Sua mãe era solteira, e o que ganhava trançando cabelos de algumas clientes era a conta para o sustento da menina. Respondia que o creme era muito caro e que não dispunha de reservas para comprá-lo. Laurinha entendia, mas ficava sonhando em um dia livrar-se dos puxões.

Até que um dia, chegou à sua casa uma tia que morava em São Paulo: Tia Jandira, irmã da sua mãe. O cabelo dela também era longo e crespo, mas estava bem soltinho, parecia dançar com o vento.

Laurinha ficou deslumbrada com sua tia paulista, pois ainda era bebezinha quando ela aparecera em sua casa da última vez.

Mais tarde, sentou-se no colo da tia e passou os dedinhos pelos seus cabelos soltos. Sentindo uma leveza em sua mãozinha, começou a desenrolar os cachos da tia. Depois de algum tempo, a menina criou coragem e pediu para que fizesse um jeito de deixar o seu cabelo igualzinho ao dela:

— Eu não aguento mais mamãe puxando! — disse ela, olhando para a tia com olhinhos chorosos.

Tia Jandira, comovida, olhando para sua irmã, falou que no dia seguinte iriam as três para uma loja de cosméticos, pois ela fazia questão de comprar o creme para relaxar os cabelos da sobrinha.

A mãe de Laurinha ainda ficou meio receosa, porém foi convencida por Tia Jandira que lhe disse:

— Não mudará em nada nossa identidade, minha irmã! Até para trançar vai ficar melhor e nossa pequena não sofrerá tanto!

No dia seguinte, Laurinha foi a primeira a levantar-se. Depois do banho, sua mãe vestiu-lhe com um shortinho e camiseta, e deu-lhe uma sapatilha para calçar. Não foi preciso trançar os cabelos, porque suas tranças ainda estavam firmes e arrumadinhas na cabeça.

As três entraram na loja. Uma vendedora as atendeu. Laurinha apressou-se a explicar sobre o creme que elas procuravam.

— Aquele da televisão! — falou ela.

A vendedora sorriu, vendeu-lhe o produto e ainda indicou

uma cabeleireira que cuidava de cabelos afro e infantis. Laurinha decidiu que deveriam ir naquela mesma hora. E lá se foram as três. Quando chegaram ao salão, Laurinha, feliz, falou:

— Quero meu cabelo bem soltinho, igualzinho ao da minha tia!

A cabeleireira sorriu, colocou Laurinha em uma cadeira alta e giratória e, com muito cuidado, começou a soltar suas longas tranças. Depois, lavou os cabelos da menina, enxugou-os com uma toalha, passou o produto, esperou alguns minutos, lavou mais uma vez, enxugou novamente, aparou as pontas, condicionou, hidratou...

— Pronto! — disse a cabeleireira, depois de algumas horas.

— Ficou mais linda que eu! — falou tia Jandira, que recebeu um grande abraço em seguida.

— Mamãe agora não me puxa mais! — afirmou Laurinha, balançando seus lindos cachos.

Todas riram e voltaram para casa muito felizes.

A CARIDADE DE JOANA



Joana era filha única e tinha apenas cinco anos. Morava numa rua depois da Praça das Flores. Ela tinha tantos brinquedos que alguns ficavam em cima de sua cama.

Na antevéspera do Natal, época em que as pessoas costumam fazer caridade, mamãe pediu a Joana algumas roupinhas, sapatos e brinquedos que ela não quisesse mais. A menina puxou a gaveta, retirou meias, casaquinhos e separou os brinquedos que ela já tinha deixado de lado há muito tempo. Ajudou mamãe a colocar tudo na caixa, com muita satisfação em poder ajudar.

Todas as noites, a mamãe de Joana costumava cobrir-lhe com um lençol azul. Como o lençol já estava velhinho, resolveu colocá-lo também em uma das caixas de doações.

No dia seguinte, logo cedo, os pais de Joana entregaram as caixas com doações para as famílias abrigadas na Praça. Uma das caixas foi entregue a uma mulher que tinha uma filha mais ou menos da idade de Joana.

Joana tinha ido com eles e na volta, quando o carro rodeou a Praça, a menina resolveu olhar pela janela e viu uma mulher enrolando a filhinha no seu lençol azul.

À noite, a família de Joana comemorou o Natal com muita comida e presentes. Depois, mamãe e papai deram um beijo de boa noite na menina e foram deitar. Mas Joana não conseguia dormir. Sentindo falta do seu querido lençol, rolava-se para um lado e para o outro. Então, a menina teve uma ideia. Puxou um dos lençóis de sua cama, enrolou nele um bocado de brinquedos, arrastou-os até a porta, abriu e foi em direção à Praça das Flores.

Mamãe escutou um barulho e chamou papai para verificar se tinha ladrão dentro de casa. Papai viu a porta entreaberta e um brinquedo de Joana no chão. Mamãe percebeu que a menina não estava em sua cama.

Aflitos, os dois correram para fora de casa e viram um rastro de brinquedos da menina pelo caminho.

Quando chegaram à Praça das Flores, encontraram todos dormindo. A mulher de um lado e as duas meninas enroladas no lençol azul.

O BALANÇO



Vovô Laudelino pegou uma corda no seu celeiro e um pedaço de tábua tirada de um pé de sucupira. Amarrou a tábua na corda e esta no galho do cajueiro. Pronto! Fez um balanço para o seu netinho no quintal da casa.

— Mais alto, papai! — gritava Saulinho feliz, ao ser empurrado por seu pai, enquanto seu avô observava-os pela janela.

Saulinho tinha apenas quatro aninhos, mas já gostava de aventuras e de novas descobertas. Pediu que o balançasse com força porque queria avistar do alto o telhado do celeiro.

Em cima do telhado, estava uma bola colorida que vovô,

brincando com ele certo dia, chutou lá para cima. Como a escada estava quebrada, a bola ficou esquecida.

E lá estava o menino sendo empurrado por seu pai, quando de repente, o inesperado aconteceu: Saulinho voou...

O pai entusiasmado não tinha calculado sua força ao empurrar o menino que, se não fosse um monte de feno logo mais adiante para amortecer a queda, teria acontecido um acidente grave.

Saulinho não pareceu se importar, pois logo que desceu do feno, foi logo gritando:

— Vamos de novo, papai!

Depois, olhando para o avô falou:

— Viu, vovô, como o seu balanço é mágico e me faz voar?

BANHO DE GATO



Por Ailtinho ser um garotinho da cidade, estava acostumado brincar somente no playground do seu prédio. Assim, não tinha costume de estar com animais, nem mesmo cachorros e gatos que são mais comuns, porque esses eram proibidos no condomínio onde morava.

Aos seis anos de idade, costumava ir ao interior visitar seu primo Iohan. Em uma dessas visitas, a gata da vizinha pariu quatro gatinhos e ele ficou encantado com os filhotes. Para ele, aqueles bichinhos eram a oitava maravilha no mundo. Queria criá-los,

mas recebeu um não de sua tia, porque ela já criava um cachorro.

Os gatinhos passavam quase todo o tempo em um beco ao lado da calçada da vizinha. Então, os meninos resolveram alimentá-los, levando pedaços de pão molhado ao leite para eles. Levaram também uma caixa de papelão para acomodar os bichanos.

Altinho e Iohan quiseram dar banho nos gatinhos, mas sua tia explicou que a mãe gata cuidava, ela mesma, do asseio dos seus filhotes, lambendo-os.

Os meninos pareciam ter entendido a mensagem. Mas depois de um tempo, a vizinha chegou chamando a mãe de Iohan e, pasmada, lhe contou que Ailtinho tinha lambido todos os gatinhos.

Quando a tia foi verificar o ocorrido, todos os gatinhos estavam bem molhadinhos, de banhos tomados e a língua do menino da cidade cheia de pelos de gato.

O SEGREDO DO CURUMIM



Curumim corria descalço na mata, subia nas árvores, pulava de galho em galho com muita proeza, tomava banho no rio, pescava peixe com a mão e botava armadilha para pegar teiú.

Curumim não tinha medo de nada, só mesmo do homem branco, que costumava andar nas terras dos indígenas, buscando alguma coisa de valor. Curumim ouvia as histórias dos guerreiros que, constantemente, para proteger suas aldeias, travavam batalhas contra a ganância do homem branco.

Certa tarde, quando Curumim corria pela mata fechada atrás de uma lebre, escutou um barulho como se uma jaca tivesse caído do pé. Quando Curumim se aproximou para conferir, pareceu-lhe que a espinha saíria do seu corpinho. Ele viu um Queru-

bim, murchinho, no chão e com uma de suas asinhas quebrada.

Curumim nunca tinha visto um menino daquela cor, então acreditou que se tratava de algum dos filhos do homem branco. Destemido, ele tocou na asinha quebrada, fechou os olhos como fazia o seu pajé, sentiu a dor do Querubim e depois saiu correndo, mas logo voltando com um pedaço de mato. Era uma planta especial usada para curar as feridas dos guerreiros, quando voltavam machucados das batalhas.

Curumim foi em busca de um lugar seguro e encontrou uma árvore gigante com um grande oco nela. Com muita valentia, colocou Querubim nas suas costas e levou-o até o oco da árvore. Depois, apanhou algumas frutas e ensinou ao seu novo amigo a comê-las. Anoi-teceu. Jaci brilhava no céu.

Curumim fez uma cortina de folhas para esconder o oco da árvore e proteger Querubim de algum animal feroz. Após isso, voltou para a sua aldeia e não disse nada a ninguém.

No dia seguinte, quando Guaraci já raiava na serra, Curumim saiu correndo em direção àquela árvore. Lá, encontrou Querubim já curado. Sem falar uma palavra sequer, os novos amigos saíram correndo pela mata, tomaram banho de rio, comeram frutas, caçaram teiú, correram atrás das capivaras, descansaram na relva, voltaram a correr... E entardeceu.

Chegara a hora de Querubim voltar para sua casa. Ambos se olharam e depois se abraçaram. Os dois, calados, sentiram seus corações pulsando.

Querubim voou para o alto. Os olhinhos dos amigos começaram a encher de lágrimas. Olhando para baixo, Querubim dei-

xava cair sobre o leito do rio as gotas de suas lágrimas, que se transformavam em pedrinhas bem brilhantes: diamantes.

Curumim ficou olhando para cima até Querubim desaparecer por entre as nuvens. O pequeno índio amarrou uma pedrinha em uma fita de cipó e fez um belo colar. Agora tinha um amigo e um segredo.

Ninguém viu o que aconteceu.

Nem as mulheres, nem os guerreiros,
nem outras crianças, nem o curandeiro.

Mas uma coisa alguém viu.

Esse alguém, infelizmente, foi o homem branco,
que viu as pedrinhas no fundo do rio.

CAPRICHOSA



Miriam não gosta de acordar cedo.

Miriam não gostava de ir à escola.

Miriam não gostava de tomar banho.

Miriam não gostava de comer verduras.

Miriam não gosta de pentear os cabelos.

Miriam tem oito anos, estuda pela manhã e todos os dias é uma novela para se acordar, se arrumar, tomar café e sair. A mãe já não sabe mais o que fazer. Ajeita daqui, ajeita dali e, às vezes, pensa em até lhe dar umas palmadas, mas fica com medo de se arrepender.

Um dia, para não ir à escola, Miriam inventou que estava doente de dor de cabeça. A mãe deu-lhe um analgésico e ela passou

a manhã inteirinha só deitada na cama, assistindo televisão.

Justamente naquele dia, teve festa de aniversário da Patrícia, a sua melhor amiguinha da classe. Bartira, uma de suas coleguinhas, que morava perto de Miriam, levou-lhe, após a aula, um pedaço de bolo da festa.

Miriam começou a chorar na sua frente porque perdeu a festa. Bartira voltou em direção à sua casa pensando:

— Êta, menina caprichosa!

AS ESTUDANTES



O Sol começa a raiar!

Clara acorda.

Ana acorda.

Clara calça seu chinelo, vai ao banheiro, lava o rostinho, abre o armário, pega a escova e começa a escovar os seus dentinhos. Depois, toma banho de chuveiro, enxuga-se e veste uma roupinha de menina.

Ana põe os pés no chão, vai ao banheiro, lava o rostinho, pega a escova em cima da pia e começa a escovar os seus dentinhos. Depois, toma banho, tirando a água de um balde, enxuga-se e veste uma camisa velha do pai.

É tempo de isolamento social e, de novo, não terá aula. Já se passaram várias semanas com as escolas fechadas por conta da Pandemia da Covid-19.

Clara senta-se à mesa, numa cadeira acolchoada, toma café com leite, pão e melão. A mamãe pergunta se ela quer vitamina ou iogurte. Ela responde que nada não. Termina e vai brincar na sala.

Ana senta-se à mesa, num tamborete velho de madeira, pergunta o que tem para comer. A mamãe diz que quase nada, só tem um pouco de café e um pedaço de bolachão seco. A menina come e vai brincar na sala.

A mamãe de Clara, enternecida, observa a filha brincando, extravasando um imenso amor no seu olhar.

A mamãe de Ana, também enternecida, observa a filha brincando, extravasando um imenso amor no seu olhar, mas repleto de preocupação.

Clara utiliza seu notebook para participar das aulas online com sua professora e depois realizar suas atividades em casa.

Ana, mesmo temendo pela segurança, lembra à mãe de ir até à escola buscar uma apostila com atividades escolares, disponibilizada pela professora. E sua mamãe, embora com medo da transmissão da doença, assegura que sua filha amada também permaneça estudando.

Os dias repetem-se sem muitas mudanças. Passam-se os meses.

O Sol começa a raiar mais uma vez!

Clara acorda.

Ana acorda.

Clara calça seu chinelo, vai ao banheiro, lava o rostinho, abre o armário, pega a escova e começa a escovar os seus denti-

nhos. Depois, toma banho de chuveiro e veste seu uniforme escolar todo engomadinho.

Ana põe os pés no chão, vai ao banheiro, lava o rostinho, pega a escova em cima da pia e começa a escovar os seus dentinhos. Depois, toma banho, tirando a água de um balde e veste seu uniforme escolar já surradinho, mas passado a ferro.

Clara senta-se à mesa para tomar o seu café com leite, pão e mamão. Mamãe pergunta se ela quer suco de laranja e um pedaço de bolo. Ela responde que não.

Ana senta-se à mesa e pergunta o que tem para comer. A mamãe diz que não tem nada e que, nesse dia, ela só vai comer na escola.

Clara pega sua mochila, contendo caderno de capa dura, estojo com canetas coloridas, lápis de cor, borracha, cola, régua e tesourinha sem ponta. Depois, espera seu transporte escolar.

Ana pega seu caderno pequeno de espiral, que a irmã usou o ano passado, mas que sobraram algumas folhas, e pega também um pedaço de lápis grafite.

O transporte de Clara chega. Mamãe entrega-lhe uma lancheira, faz-lhe um carinho, dá-lhe um beijinho e pede para ela tomar cuidado na escola.

Mamãe dá um beijinho em Ana, faz-lhe também um carinho e diz para ela se comportar e estudar direitinho. Ana começa a andar até a escola.

A escola de Clara é particular, fica a 900m de sua residência.

A escola de Ana é pública, fica a 900m de sua residência.

Clara tem aula de Língua Portuguesa. Sua professora ensi-

na-lhe substantivo, apresentando alguns recursos didáticos sofisticados.

Ana tem aula de Língua Portuguesa. Sua professora ensina-lhe substantivo, escrevendo com giz branco no quadro verde.

Chega a hora do recreio.

Clara vai até o pátio da escola e abre sua lancheira. Dentro dela, tem um vasinho de suco, um sanduiche, uma maçã e uma banana.

Ana vai até a fila da merenda. A merendeira dá-lhe um prato de macarronada com carne moída.

Clara só toma um pouco do suco, come somente a banana e morde o sanduiche pela metade.

Ana come a macarronada toda e volta à fila para repetir mais um pouco.

Clara brinca feliz no recreio com suas coleguinhas.

Ana brinca feliz no recreio com suas coleguinhas.

O recreio acaba e Clara volta à sala para aprender Matemática com o material dourado.

Ana também volta à sala e começa a escrever o assunto de Matemática que a professora escreve no quadro.

A aula de Clara termina e ela volta para casa no seu transporte particular.

A aula de Ana termina e ela faz seu caminho de volta a pé.

Clara chega em casa e sua mãe a recebe com um carinhoso abraço. Depois, pergunta-lhe o que aprendeu na escola hoje. A menina responde.

Ana também chega em casa e sua mãe a recebe com um ca-

rinhoso abraço. Depois, pergunta-lhe o que ela comeu na escola hoje. A menina responde.

Clara almoça, descansa um pouco e depois vai ver televisão.

Como não tem almoço, Ana vai dormir um pouco e, mais tarde, também vai ver televisão.

À noite, antes de dormir, a mamãe de Clara faz uma oração:

— Obrigado, Senhor, porque tenho uma vida feliz e uma filha amável e saudável!

A mamãe de Ana também faz uma oração:

— Obrigada, Senhor, porque me deste a vida, uma filha amável e na escola dela teve merenda hoje!

MEMÓRIA CHEIA



Matilde tem sete aninhos, mora com seus pais e sua avó materna no centro de uma cidade do interior do Nordeste.

A vovó vive sentada numa cadeira de balanço. Matilde gosta de balançar a cadeira, enquanto conversa com sua avozinha, que já não lembra mais das coisas. Ela também percebe que sempre responde as mesmas perguntas que a avó faz.

Matilde pergunta para a mamãe por que a avó não se lembra mais das coisas e mamãe lhe responde, dizendo que é porque sua memória está acabando.

O papai de Matilde é contador e faz serviços prestados em casa. Matilde ouviu papai dizer que a memória do seu notebook está cheia e que precisa comprar uma nova ou um HD externo o mais depressa possível.

Matilde pergunta a papai para que serve uma memória nova

e o pai lhe explica direitinho.

Matilde vê a mamãe chorando e se lamentando, porque em breve vovó não se lembrará mais dela.

Matilde tem uma ideia. Pega seu porquinho quase cheio de moedinhas, que estava juntando para comprar patins novos, e começa a contar. Coloca tudo num saquinho, atravessa a rua e vai até uma loja de eletrônicos.

Quando chega na loja, despeja todas as suas moedinhas em cima do balcão e pergunta ao vendedor:

— Essas moedinhas dão para pagar uma memória nova de gente?

UM RECREIO DIFERENTE



Na Escola Municipal Professora Marizete, havia uma enorme árvore ao lado da quadra de esporte. Embaixo da árvore, ficava o lugar preferido de três alunas do Segundo Ano do Ensino Fundamental: Suzana, Helena e Valquíria. Elas costumavam encontrar-se ali, todos os dias, na hora do recreio.

Um dia, apesar do barulho que as crianças faziam, as três coleguinhas escutaram um bichinho piando. Caminharam em direção ao barulho e viram que um passarinho tinha caído do ninho que estava na árvore.

Helena abaixou-se para apanhá-lo, mas Valquíria logo a impediu, dizendo que ele poderia estar ferido e se ela o segurasse poderia machucá-lo ainda mais.

E agora? Os que elas poderiam fazer para ajudar aquele bi-

chinho indefeso? Se deixassem-no ali, as outras crianças, na correria, poderiam acabar pisando nele sem querer.

— Não podemos deixá-lo aqui! — falou Helena!

— De fato, alguém pode machucá-lo! — concordou Suzana.

— Como vamos devolver o passarinho ao seu ninho? — perguntou Valquíria.

— E se a gente arrastar um birô até aqui, colocar uma cadeira em cima e subir para alcançar a polpa da árvore onde está o ninho? — questionou Suzana.

— Vai virar tumulto, isso sim! Além de tomarmos um belo castigo! — concluiu Valquíria.

Olhando para cima, Helena percebeu que o galho onde estava o ninho não era tão alto assim. Então, acenou para Bianca, uma menina grande e forte, que ninguém costumava brincar com ela porque achavam-na esquisita.

Bianca chegou sorridente, pois ninguém nunca lhe dera atenção no recreio, se inteirou do caso e depois falou:

— Já sei como ajudar vocês! Vamos chamar a Sabrina para subir em meus ombros. Se ela conseguir ficar em pé, vai alcançar o ninho! Como ela é filha de circenses, sabe equilibrar-se em cima das coisas.

Quando Sabrina chegou, concordou em subir. Disse que costumava fazer isso no circo e que era moleza para ela. Com jeitinho, subiu nos ombros de Bianca, ficou em pé por uns segundos, abrindo os braços para equilibrar-se. Depois, se abaixou um pouco, enquanto Helena colocava o passarinho em sua mãozinha com cuidado.

As outras crianças estavam tão entretidas no recreio que não perceberam a proeza das meninas alcançando o ninho e deixando o passarinho dentro dele. Agradecidas, Suzana, Helena e Valquíria deram um abraço em Bianca e em Sabrina. Elas ficaram, ao pé da árvore, conversando e fazendo promessas de amizade para toda a vida.

Depois, ouviram o sinal tocando. O recreio tinha acabado.

AS GÊMEAS DE QUATRO LETRAS



As gêmeas Lusa e Sula têm cinco anos e moram no Condomínio DOCE VIDA com seus avós.

Seu avô chama-se Juca, mas todos o conhecem como Caju, pois, quando era menino, vivia atrepado aos cajueiros. Por conta disso, usa esse apelido desde a sua infância. Já sua avó, chama-se Ana.

As duas meninas são curiosas e espertas. Elas estão na alfabetização e já perceberam que trocando as sílabas do nome do seu avô, forma o seu apelido; também que o nome da sua avó, pronunciado ou escrito de trás para frente, fica do mesmo jeito.

Na escola onde elas estudam, costumam sempre sentar-se e realizar as atividades juntinhas. Certa vez, a professora recortou quatro letrinhas numa cartolina, formou a palavra LUAS e pediu

para que elas formassem uma nova palavra com as mesmas letrinhas.

— Eu formei a palavra LUSA. — disse Sula.

— Eu formei a palavra SULA. — disse Lusa.

A professora sorriu e colocou novas letras na mesinha das meninas: O MAR

— Eu formei a palavra AMOR. — falou Sula.

— Eu formei a palavra ROMA. — falou Lusa.

Mais outra vez a professora sorriu e fez uma proposta aos alunos:

— Que tal um desafio para formar novas palavrinhas com somente quatro letrinhas?

Depois de instigar seus alunos, a professora entregou para todos um saquinho contendo vários alfabetos móveis e depois falou:

— Vocês terão que escolher quatro letrinhas e formar novas palavrinhas. Mas antes terei que fazer uma mudança de lugares, só um pouquinho!

Então, a professora colocou as meninas em mesas separadas, para que uma não influenciasse a outra na escolha das letras e na formação das palavras.

Enquanto a professora atendia as outras crianças, as meninas abriram seus saquinhos e começaram a separar as letrinhas. Depois, quando cada uma formou as palavrinhas em cima de sua mesinha, chamaram a professora quase que simultaneamente.

A professora pediu para que elas não mexessem e fotografou as palavrinhas de cada uma para não esquecer a ordem

que elas colocaram.

Na mesinha de Sula, estavam as palavras: VIDA, LAVE, MACA, RUMO, LAGO, BOLO e LAMA.

Na mesinha de Lusa, estavam as palavras: DAVI, VELA, CAMA, MURO, GALO, LOBO e MALA.

— Eu formei sete palavras! — disse Sula entusiasmada.

— Eu também formei sete! — disse Lusa, igualmente, entusiasmada.

Quando a professora conferiu a atividade das meninas, ficou admirada pelo modo como elas formaram as palavras, fazendo a permutação das mesmas letras, como se sentissem uma a outra, com a capacidade de conectarem-se para as mesmas quatro letras.

Quando as gêmeas foram para casa, o seu Juca já as aguardava no portão. Com um belo sorriso e um caloroso afago, daqueles que só um avô sabe dar, foi logo lhes dizendo:

— Vovó Ana fez um bolo em forma de lobo para vocês, minhas queridas netinhas de quatro letrinhas!

SAORI, A LAGARTA ESTUDANTE



Numa tarde ensolarada, uma lagartinha saiu do seu ovo para iniciar sua grande jornada. Quando ela se desenrolou, percebeu que o seu corpinho era todo colorido, mas não entendia nada sobre cores e, também, a sua mãe já não estava mais ali para lhe ensinar sobre as coisas. No entanto, a lagartinha era muito curiosa e seu desejo era aprender sobre tudo o que havia no mundo.

Passados alguns dias, a lagartinha ainda vivia em cima de uma folha, soltando palavras ao vento, pois não tinha ninguém por perto para conversar, quando, de repente, uma joaninha resolveu pousar em uma folha próxima a que ela estava e lhe perguntou:

— Olá, lagartinha! Como é o seu nome?

— Eu não sei. Acho que não tenho nenhum! — respondeu a lagartinha, que também quis saber:

— E como é o seu? Você pode me dar um nome?

— Eu me chamo Joaninha. Todo mundo tem um nome. Se você ainda não tem, eu posso sim, dar-te um. Que tal Saori?

— Saori? Gostei muito desse nome! De agora em diante, meu nome será esse! — disse a lagartinha satisfeita, que quis saber mais:

— Como eu posso aprender sobre as coisas? Por que não sou igual a você?

— Todos nós somos diferentes. Como tudo no mundo é! — falou a Joaninha, que continuou a explicar:

— Veja, eu tenho asas e pintinhas somente pretas, já você tem várias cores no seu copinho, mas não consegue voar como eu. Suas cores chamaram a minha atenção. Seu corpinho colorido é muito bonito. Por isso, lhe dei esse nome, que significa belo tecido. E se você quiser mesmo aprender sobre todas as coisas do mundo, terá que ir à escola.

— Escola!? — exclamou Saori, ainda mais curiosa.

— Sim, só que no momento estamos de férias e você ainda é muito pequenininha para ir à escola. Que tal descer dessa folha e ir dando uma olhada por aí, enquanto as aulas ainda não começam e você cresce mais um pouquinho?

— Eu tenho medo de cair! — contou Saori.

— Confie em si mesma! Você não cairá, pois é uma lagarta! Vá se arrastando, sem pressa; em algum momento, você chegará até o chão. E, quando passar mais algum tempo, você estará crescida para entrar na escola. Logo, logo, chegará o seu momento de estudar, pois todo mundo passa por essa fase. — Disse a Joaninha,

que se despediu e depois voou para longe.

Saori permaneceu na folha pensando sobre a escola e nas palavras da Joaninha. Depois de algum tempo, resolveu seguir os seus conselhos, criou coragem e começou a descer pelo talo da folha. Levou algum tempo, mas assim que desceu até o solo, deu de cara com uma florzinha vermelha. Saori foi logo lhe falando:

— Olá! Meu nome é Saori! Sabia que uma parte do meu corpinho também tem a sua cor? Só não sei que cor é essa! — falou ela.

— Eu sou Florzinha Vermelha. Que bom que você desceu para conversar comigo! Estava aqui aflita escutando-te há dias, mas você não descia da folha e eu não podia subir! — respondeu a florzinha.

— Como posso saber mais das coisas do mundo? — perguntou Saori.

— Você tem que ir à escola, como disse a Joaninha, mas, ainda é muito pequenininha como eu. Não pode estudar por enquanto! — disse a florzinha, que continuou:

— Olha, outro dia as abelhinhas vieram aqui e me contaram algumas coisas. Eu posso lhe contar o que já sei. Você quer?

— Quero sim! Por favor, florzinha! Vejam essas cores em mim! Que cores são essas? Você sabe me dizer? — falou Saori animada.

Então, a florzinha vermelha começou a lhe ensinar:

— Está vendo o Sol ali em cima? Ele é amarelo, igual a essa sua cor do meio. Aquela imensidão do alto é azul, igual a sua cor inicial, e se chama Céu. Suas patinhas são marrons, como o tron-

co daquela árvore, verde é a cor das folhas e de toda essa graminha que você está pisando, iguaizinhas ao seu rabinho.

— Puxa! Obrigada, Florzinha! Você aí paradinha já aprendeu muitas coisas, imagine se andasse! Agora já vou indo! Vou andar mais um pouco por aí para ver se consigo descobrir mais coisas. Até logo!

— Tchau, Saori! Não esqueça de mim! Na sua volta passe por aqui! — disse Florzinha.

Agradecida, Saori despediu-se da nova amiguinha e continuou a andar bem devagarinho. Logo, se viu rodeada por uma grama um pouco mais alta. Parou em uma das folhinhas e falou:

— Sabia que eu também tenho a sua cor no meu corpinho? É verde! — contou ela entusiasmada. Mas a folhinha não quis muita conversa com Saori porque estava mais preocupada com uma formiguinha preta que queria lhe cortar.

Saori, então, viu alguns pedacinhos de folhas no chão, deixados pela formiguinha, aproveitou para comer um pouco e depois voltou a caminhar. Andou lentamente por toda a grama que, para ela, parecia ser uma muralha sem fim. Admirava-se com o novo mundo que estava descobrindo. Mas logo sentiu-se muito cansada, parou e perguntou se podia ficar por ali mesmo para descansar por alguns dias, pois tinha caminhado muito e não estava se sentindo bem para voltar até sua folha.

— Fique à vontade! — respondeu um matinho verde que estava grudado em uma pedra cinzenta.

Saori encolheu-se, fechando-se em um casulo marrom e dormiu por algumas semanas.

Numa manhã ensolarada, o casulo começou a se abrir e dois pares de asinhas coloridas, ainda molhadas, saíram de dentro dele.

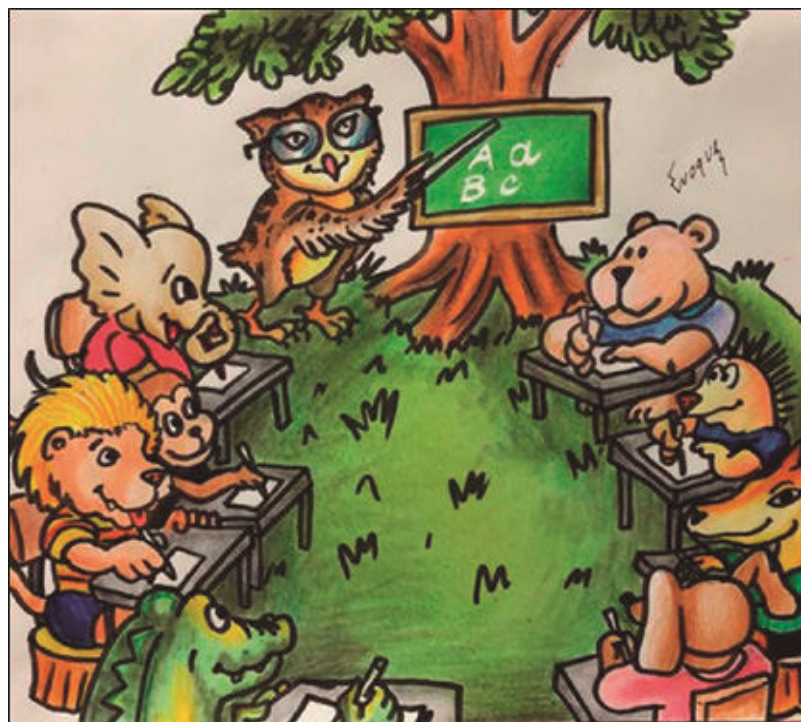
Saori tinha se tornado uma linda borboleta de asas bem coloridas. Quando suas asas estavam bem sequinhas e firmes, ela saiu voando muito feliz. Voou até a florzinha, contou-lhe como tudo aconteceu e prometeu sempre voltar para lhe trazer novidades, igual como as abelhas faziam.

No outro dia, bem cedinho, voou um pouco mais alto e reencontrou a Joanelha que, admirada com a sua transformação, lhe falou:

— Você está maravilhosa, Saori! Quase não lhe reconheci! Tenho uma bela novidade para lhe dar: as aulas vão começar hoje mesmo! E eu já estou indo para lá! Quer ir comigo?

Saori muito feliz, também voou até a escola e conheceu seus novos coleguinhas: besouros de todas as espécies e tamanhos e a sua nova professora, a Cigarra Cecília, que cantou uma música para acolher seus novos alunos. Depois, com bastante atenção, Saori começou a aprender muitas coisas novas na Escola Municipal dos Insetos.

A SALA DA PROFESSORA CORUJA



Na Escola Municipal dos Bichos, na sala da professora Coruja, tinha alunos de todo o tipo:

Leãozinho sentava bem na frente. Ele era muito estudioso, pois queria ser rei ou o prefeito da mata quando crescesse.

— Eu nasci para dar ordens! — afirmava ele.

Sapinha também gostava de estudar. Ela tinha ótimo comportamento e também uma letra bem bonita.

Raposinha gostava muito de ler e vivia competindo com o Leãozinho para saber qual dos dois lia melhor.

— Deixa que eu faço a leitura em voz alta, professora!
— dizia ela.

Os pais de Ursinho tinham uma condição financeira boa e, por isso, o material dele era bem caprichado, colorido e sofisticado. Todos os dias, ele apresentava alguma novidade:

— Olha só o que papai comprou para mim!

Girafinha era a mais alta da turma e muito boazinha. Ela gostava de fazer muitas perguntas para a professora Coruja:

— Professora Coruja, pode repetir mais uma vez? Acho que não entendi direito! — questionava ela.

— Claro, meu bem! Repetirei quantas vezes for preciso, até você entender direitinho! — respondia a professora com muita atenção a ela e aos demais da classe.

Macaquinho era tão peralta que vivia pulando de carteira em carteira e quase não prestava atenção na aula. Ele gostava mesmo era da Aula de Educação Física, principalmente quando a professora envolvia na aula alguma brincadeira como a Amarelinha.

Espinho, o porquinho, também não costumava prestar atenção na aula. Era muito encrenqueiro; vivia envolvendo-se em brigas na sala e machucando os coleguinhas com seus espinhos. A professora Coruja sempre lhe aconselhava com carinho, mas tinha vezes que não tinha jeito e aí ela o colocava de castigo.

— Dessa vez, vocês dois passaram dos limites! — falava a professora, exausta, com eles.

Coelhinho fazia suas lições tão rápido que mal a professora Coruja acabava de escrever no quadro, ele já terminava e já lhe

pedia mais. Então, a professora passava atividades novas só para ele em seu caderno.

— Já terminei, professora! Quero mais lição! Eu sou muito rápido!

Cachorrinho era o primeiro a chegar na escola e, na sala, era muito compromissado, nunca faltava uma aula sequer.

Zebrinha vivia olhando para os lados, puxando conversa com os coleguinhas, sem prestar atenção na aula e, muitas vezes, nem levava seu material para escola. A professora cobrava dela e também dos pais, mas não tinha jeito!

— Zebrinha, minha flor! Use esse material por enquanto! — dizia a professora, oferecendo-lhe algo para que Zebrinha também acompanhasse a aula.

Jacarezinho era o mais inteligente na disciplina de ciências. Ele sempre dizia que queria ser um cientista quando crescesse.

— Professora Coruja, quando vamos fazer novos experimentos? — perguntava ele.

— Podemos ver isso amanhã, Jacarezinho! Você já tem alguma ideia do que poderemos investigar? Que tal verificar quais materiais que afundam ou boiam?

— Isso mesmo, professora! Vamos trazer de casa muitas coisas para fazermos o teste! — falava a turma animada, em que o Jacarezinho era o mais eufórico.

Um dia, chegou um aluno novato na sala da professora Coruja. Um Elefantinho muito charmoso. Ela já o aguardava e havia reservado um lugar para ele lá no fundo, mas depois que ele se sentou, Coruja percebeu que Girafinha o cobria com seu tama-

nho. Então, pediu para que ela trocasse de lugar com ele e ela, muito boazinha, aceitou a troca.

— Claro, professora Coruja! Não me importo de sentar mais ao fundo! Afinal, eu sou bem alta! — dizia Girafinha.

Naquele dia, a professora colocou plaquinhas com o nome de cada um em suas mesinhas, pois estava dando aula sobre Grau do Substantivo. Depois que ela explicou tudo direitinho, pediu para que a turma fizesse no caderno a palavra e o desenho de um substantivo em forma normal e outra no diminutivo. Todos começaram a escrever, menos Elefantinho que ficou parado, pensando como escreveria, já que suas patinhas não tinham dedos nem garras para segurar o lápis. Percebendo sua aflição, a professora Coruja aproximou-se dele, falando-lhe baixinho:

— Use suas habilidades! Você é capaz! Eu confio em seu potencial!

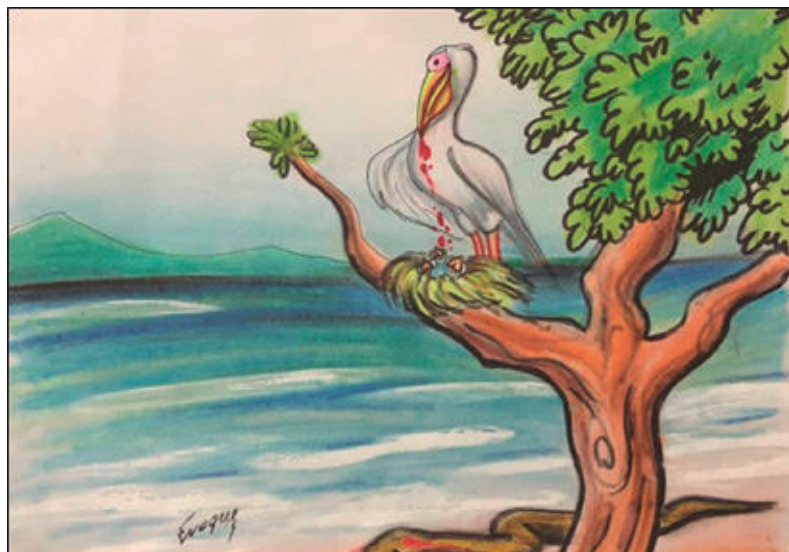
Incentivado pela professora, Elefantinho segurou um lápis com sua trombinha e começou a desenhar um gato, escrevendo a palavra “GATO”. Depois, desenhou um gato menor e escreveu a palavra “GATINHO”. Ele foi o primeiro da turma a concluir a atividade solicitada. A professora Coruja pediu para que todos o aplaudissem pelo seu desempenho.

Quando Elefantinho voltou para casa, ele falou para seus pais:

— A minha professora é a melhor do mundo!!!

PELICO, O PAPA PELICANO AMOROSO

Inspirado na lenda de origem da Idade Média, atribuída a Leonardo Da Vinci.



No outono, a Senhora Pelicano foi visitar a família em outros mares, deixando o Senhor Pelicano cuidando de seus filhotes. O nome dele era Pelico, um chefe de família muito responsável e caridoso. Não muito longe de seu ninho, havia um mar cheio de peixes. Era nesse mar que Pelico pescava o alimento para seus filhotes quando tinha que sair, quase todos os dias, em busca de comida.

Os filhotes de Pelico eram muito esfomeados, mas Pelico era tão bonzinho que não se cansava de dar várias voltas indo até

o mar para buscar comida. Às vezes, na volta para casa, encontrava outros ninhos de outras aves que moravam pelo caminho. E quando via, dentro dos ninhos, alguns filhotes piando e famintos, sabe o que o Pelico fazia? Os alimentava também, dando-lhes um pouco da comida de seus filhos e muito amor.

Quando chegava em casa, dividia o que trazia no bico com todos da sua família. Os filhotes de Pelico eram muito comilões e iam alvoroçados pegar o alimento, regurgitado em sua garganta. Vocês acreditam que, às vezes, eles comiam até trinta vezes por dia? A sorte é que, abaixo do bico de Pelico, tinha uma espécie de bolsa que podia comportar até três litros de água e, ali, ele guardava muita comida para quando os filhotes pedissem.

Um dia, quando Pelico saiu para buscar mais comida, uma grande cobra subiu até o ninho para alimentar-se dos seus filhotes. Ela ainda conseguiu ferir alguns, mas o Pelico chegou a tempo para salvá-los, dando muitas bicadas na cabeça da cobra, até que ela morresse. Ao ver seus filhotes machucados, Pelico voou para o alto muito triste e feriu-se no peito, deixando cair algumas gotas de seu sangue sobre o bico dos filhotes feridos. Como um passe de mágica ou por um lindo milagre, as gotas de sangue curaram os filhotes.

Quando chegou a primavera, a Senhora Pelicano voltou e observou que seus filhotes estavam bem e crescidos. Ela percebeu, também, que Pelico estava bem fraquinho. Foi quando descobriu seu peito aberto e todo dilacerado.

— Oh, meu querido! O que foi que o senhor andou aprontando? — exclamou a Senhora Pelicano, que logo começou a cuidar

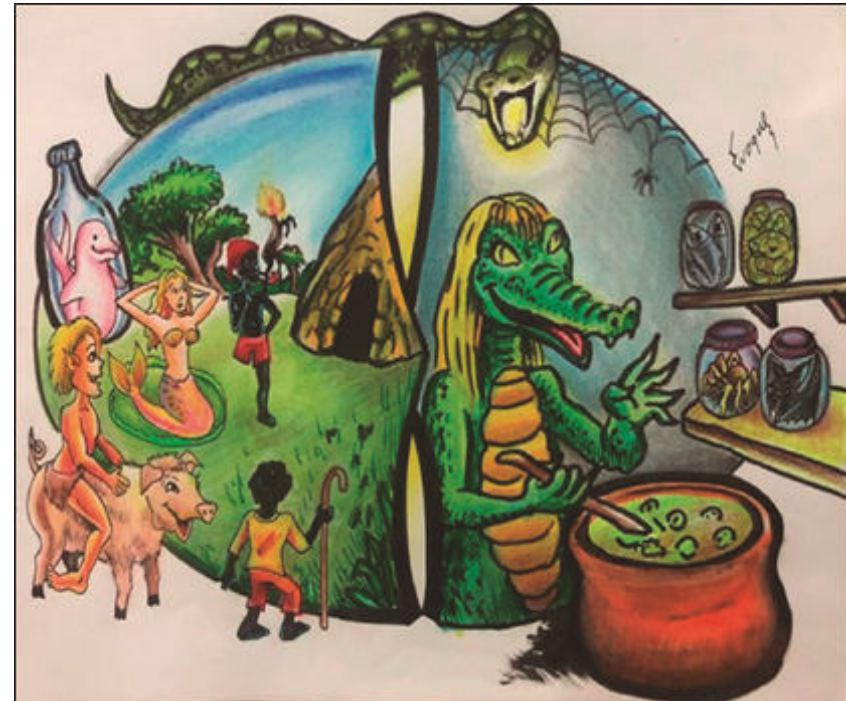
de Pelico com muito amor e carinho.

No verão, a família Pelicano saiu para passear pelos sete mares dos continentes, todos saudáveis e felizes.

Para você ficar sabendo: No simbolismo católico, o pelicano é o próprio Jesus Cristo que deu seu Corpo e Sangue para a salvação da humanidade ou alimentando o homem na Eucaristia.

A FESTA DA CUCA

Inspirado no Folclore brasileiro.



Estava chegando o Dia do Folclore e a Cuca queria reunir seus amigos. Então, ela resolveu fazer uma festa na mata. Chamou seu primo, o Saci, e pediu para que ele levasse o convite a todos eles: o Boitatá, o Curupira, o Lobisomem, o Negrinho do Pastoreio, o Boi-Bumbá e a Mula Sem Cabeça. Ela mandou dizer a Caapora que fosse em sua forma masculina e que o Boto Rosa arranjasse um jeito de aparecer. Mas que ninguém faltasse, pois ela exigiu a presença de todos e que, se eles não comparecessem,

os transformaria em pedra.

Quando chegou o dia da festa, pela manhã, ela toda alegre, arrumou sua casa; ou melhor, sua gruta, com várias teias de aranha e, depois, ela mesma foi à cozinha preparar a comida que seria servida.

Pegou seu caldeirão e preparou uma sopa, seu prato predileto, que, para ela, era a comida mais deliciosa de todas. Cantarolando, cheia de felicidade, começou a colocar no caldeirão uma lagartixa doente, um pedaço da asa de morcego, uma barbatana de peixe azedo, uma perninha de sapo sebooso, um dente de piranha e uma pitada de percevejo seco para dar aroma à sua sopa.

Quando a noite chegou, hora da festa, o Negrinho do Pastoreio foi o primeiro a comparecer, galopando em seu cavalo. A Caapora também veio, montada em um porco do mato. O Boto Rosa apareceu em seguida, dentro da garrafa do Saci, que ele tinha pedido emprestada. Depois, os demais convidados foram chegando, até que ficaram à vontade, embora tivessem sido obrigados a estarem presentes na festa.

O Boi-Bumbá não parava de dançar, a Mula Sem Cabeça iluminava a festa com o seu fogo e o Boitatá ajudava-lhe, cuspidando para cima algumas labaredas. Assim, a mata estava toda iluminada para a satisfação da Cuca, que ainda não tinha servido seus convidados. Eles já haviam perguntado pela comida que seria servida, mas a Cuca logo tratou de dizer-lhes que era surpresa, que deixassem de serem esfomeados e esperassem mais um pouco, pois depois que comessem, certamente iriam

embora, e a noite só estava começando.

De repente, ouviu-se um canto diferente. Era a Iara, que não tinha sido convidada, mas, mesmo assim, resolveu ir. Chegou como se estivesse flutuando em cima da Vitória-Régia, toda linda e maravilhosa. Os convidados correram todos para cumprimentar e elogiar a beleza da sereia. Foi então, que a Cuca enfurecida de ciúmes, com muita raiva, expulsou todos da festa e aí, ela teve que comer toda a sua comida sozinha.

Que desperdício!

PRETA DO CARVÃO E AS GIGANTES



Num reino muito distante, vivia um rei cruel que massacrava seu povo sem piedade, fazendo-o trabalhar forçado nas carvoarias que ficavam ao leste do seu castelo. O castelo ficava no centro desse reino e era um lugar muito triste e frio. Todo o carvão era destinado a aquecê-lo, pois era um espaço muito grande, com muitos quartos, salas e com lareiras em todos os cômodos, necessitando que o povo as mantivessem sempre funcionando para o bem-estar do rei e de sua família.

Ao sul do castelo, ficava uma floresta imensa, onde muitos diziam existir bruxas, gnomos e duendes. Ninguém se atrevia a entrar, pois quem o fizesse, ficava por lá mesmo, sem nunca mais voltar. A oeste do castelo, ficava um grande pântano, onde

ninguém também se atrevia a ir, com medo de outras criaturas medonhas, como algum tipo de ogro que devorava qualquer ser que entrasse nele. E ao norte, ficava todas as casinhas pobres dos seus súditos, feitas de madeira furadas e podres.

O rei, além de cruel, era mal administrador, avarento e soberbo. Todo o povo era seu escravo, não tinha alimento necessário, não tinha muito descanso e a classificação era de acordo com a cor da pele. Tinha alguns de pele preta, outros de pele branca, amarelos e pardos e uma mistura de raças, mas ninguém era livre, exceto o próprio rei e a sua família. A diferença era que os súditos de pele branca trabalhavam no palácio, os amarelos faziam a guarda e os índios cuidavam do jardim. Todos os demais iam para a carvoaria, forçados a trabalhar debaixo de sol ou de chuva e com pouquíssimo alimento diário.

Certa vez, em uma família de pele preta, nasceu uma linda menina. Todos admiravam como a melanina da sua pele brilhava com muito mais intensidade debaixo do sol. Seus pais deram-lhe o nome de Kali, mas como a família trabalhava na carvoaria, a menina estava sempre suja do pó de carvão. Então, o povo começou a apelidá-la de Preta do Carvão. Com o passar dos anos, ninguém mais lembrava do nome verdadeiro da menina, só a chamavam pelo apelido. Quando Preta do Carvão tinha apenas cinco aninhos, o rei também a obrigou a trabalhar na carvoaria, pois, para ele, era mais uma mão de obra barata que deixava suas lareiras aquecidas.

Preta do Carvão era muito curiosa, observadora e criativa. Nos poucos minutos destinados ao descanso, enquanto todos

descansavam, mesmo com suas mãozinhas machucadas da lenha e do fogo, a menina costumava brincar, fazendo com gravetos e pedacinhos de carvão, algum tipo de arte.

Todos do reino eram proibidos de irem a qualquer outro lugar, além daquele que já estava estabelecido de acordo com cada cor de pele. Para os súditos que trabalhavam na carvoaria, só era permitido andar pelo Norte onde moravam, pelo Leste onde trabalhavam e nada mais além. Os demais, ainda tinham o privilégio de conhecerem o castelo por dentro e seu jardim. Mas Preta do Carvão era muito curiosa e sempre queria saber o porquê de tudo aquilo. A menina constantemente estava perguntando aos seus pais que, por sua vez, não sabiam dar respostas, pedindo para ela trabalhar e se conformar.

Os anos foram passando até que, um dia, na hora do descanso, Preta do Carvão observou que os guardas também estavam dormindo. Então, ao invés de criar artes como das outras vezes, não perdeu a oportunidade e aproveitou para fugir dali, correndo em direção ao Sul, onde ficava a floresta.

A floresta tinha uma vegetação exuberante sem sinais da ação humana. Constituída de árvores muito altas, algumas alcançando até mais de sessenta metros de altura. Também existiam vegetais de pouca altura, não excedendo três ou quatro metros, poucos arbustos e gramíneas. Preta do Carvão não parava de correr pela mata adentro, acreditando que algum dos guardas a seguia. Depois, já muito cansada, ela avistou algumas espécies de herbáceas baixas, formando campos. Então, aproveitou para descansar um pouco. Quando sentiu fome, voltou a andar pela

mata à procura de comida, entrando em lugares mais claros e outros mais escuros, fechados pelas polpas das árvores. Percebeu que alguns animais silvestres comiam umas frutinhas vermelhas, deduzindo, então, que não são venenosas, resolveu comer também. Anoteceu.

Preta do Carvão estava sentindo-se sozinha, porém livre. A mata não era silenciosa: grilos, coaxares, uivos e pisadas de animais causaram-lhe medo. Contudo, exausta de tanto andar, ela acabou adormecendo. No dia seguinte, acordou com os cantos dos pássaros, alheia à preocupação de seus pais, que não sabiam onde a menina estava, e à fúria do rei com os soldados que a deixaram fugir.

Preta do Carvão continuou a seguir pela mata adentro. De repente, sem perceber, a menina caiu em um enorme buraco. Enquanto caía, gritava apavorada. O buraco parecia não ter fim. Ela continuou caindo, caindo... Foi quando algo a segurou, aparando-a daquela queda supostamente fatal. Era a mão de uma gigante que, com muito cuidado, a levou para onde estavam outras gigantes como ela.

As gigantes, todas de pele preta, olhavam para aquela minúscula criança na mão de uma delas. A menina estava estupefata com o que seus olhos presenciavam. Foi quando uma delas começou a falar:

— Não tenha medo! Nós não vamos lhe fazer nenhum mal! Como você se chama?

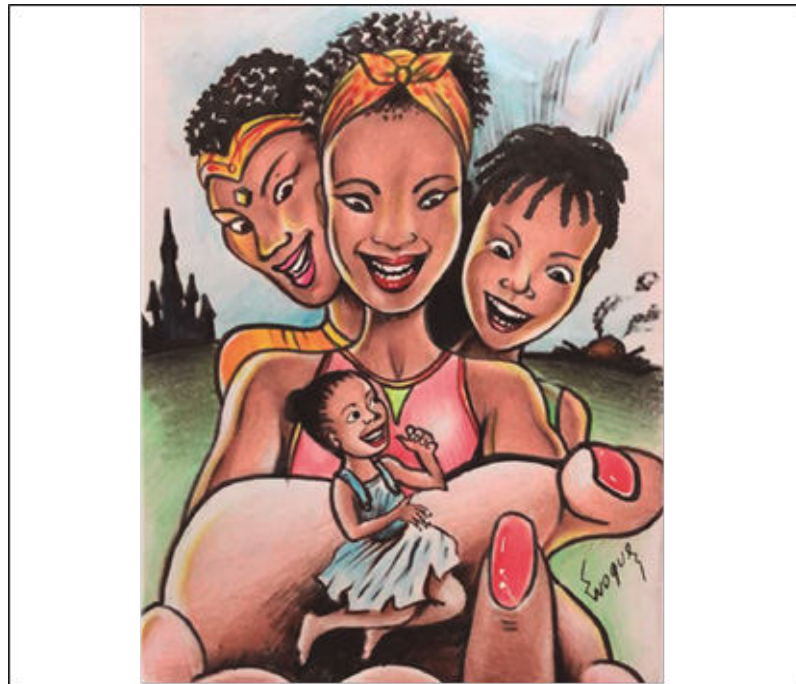
— O meu nome é Kali, mas todos me chamam de Preta do Carvão. Eu tenho dez anos e fugi de onde eu morava. — respon-

deu a menina.

— De onde você veio, pequenina? Escutamos os seus gritos ao cair de lá de cima. Porém, daqui a gente não consegue ver mais nada além das nuvens. O que há depois delas? —perguntou outra gigante.

— Eu venho de um reino tirano, onde o rei oprime seu povo e abusa do poder que tem. — disse a menina.

Então, as gigantes se olharam admiradas, pois de onde elas viviam, há milênios, não se ouvia falar mais de coisas ruins daquele tipo. Acreditaram que se tratava de um mundo atrasado e depois começaram a apresentar-se uma a uma:



— Eu me chamo Força! Sou a mais forte de todas, mas neste mundo raramente necessito usar minha força, pois não há necessidade. Todos já temos muito poder aqui, porque eu distribuo os recursos financeiros igualmente.

— Eu me chamo Temperamento! Tenho o poder de controlar as emoções quando alguém se aborrece com alguma coisa. Também sou responsável pela saúde, dando assistência médica ou psicológica, caso alguém necessite. Mas raramente isso aqui acontece. Todos estamos sempre bem.

— Eu me chamo Gargalhada. Estou sempre sorridente e se algo me deixa muito feliz, solto uma gargalhada daquelas que faz um estrondo igualzinho ao som de um trovão. Eu sou responsável pelo bem-estar de cada morador deste lugar; faço-os rir de felizes.

— Eu me chamo Ordem! Sou muito organizada. Comigo tudo fica em seu devido lugar. Sou responsável pela habitação de cada morador. Todos moramos em uma casa boa e confortável.

— Eu me chamo Limpeza! Deixo tudo limpo e brilhante. Mesmo quando as folhas caem das árvores, eu as apanho e depois espalho pela terra, com muita delicadeza, tornando um ambiente agradável. Eu sou responsável pelos vestuários do meu povo. Todos estamos sempre bem vestidos e calçados.

— Eu me chamo Bagunça! Sou irmã de Ordem. Em minha casa é tudo bagunçado. Nunca sei onde está cada coisa quando eu preciso. Em nosso reino, sou responsável pela Educação do meu povo e, apesar da minha desorganização, todo mundo aqui estuda em escolas de qualidade.

— E eu me chamo Equidade! Sou responsável de impedir a desigualdade entre as pessoas e garantir que todas estejam inseridas. Eu cuido da alimentação saudável de cada habitante deste lugar. Ninguém passa fome ou necessidade. Todos seguimos à risca a pirâmide alimentar.

Preta do Carvão escutou cada uma das gigantes, sem compreender bem o que elas diziam, mas tinha certeza de que falavam de coisas maravilhosas, que deveriam existir naquele reino. A menina ia perguntar se poderia morar com elas, mas logo lembrou que, se morasse na terra das gigantes, logo poderia ser pisoteada por conta do seu tamanho. Então, ela teve uma ideia e, assim, falou:

— Vocês podem ir até o meu reino e dar um grande susto no rei e libertar o meu povo do trabalho escravo e da opressão?

As gigantes olharam-se, pensaram um pouco e depois resolveram ajudar a pobre menina. Mas logo ficaram preocupadas, pois não tinham ideia de como a ajudariam. De repente, ouviram ecoar uma gargalhada estrondosa, que fez as aves revoarem por todo os céus. Depois disso, a gigante Gargalhada falou:

— Esqueceram que eu sou responsável pelo bem-estar? Não se preocupe, minha pequenininha, você e todos os seus vão ficar bem! Só precisamos ir à casa da Sra. Bagunça.

— Na minha casa? — perguntou a gigante Bagunça.

— Sim. É lá que temos todas as respostas. No momento, só vou precisar da ajuda da Sra. Ordem e da Sra. Limpeza para procurarmos uma coisinha, que tenho certeza de que você nem saiba onde está, mas nós vamos procurar e encontrar! — respondeu

com euforia a gigante Gargalhada.

— Oba! Eu sempre quis colocar em ordem toda aquela bagunça! Agora chegou a minha vez! — disse a gigante Ordem.

— E eu sempre quis fazer uma faxina geral naquela sujeira toda! Não me aguento de tão ansiosa para entrar naquela casa! — falou, entusiasmada, a gigante Limpeza.

E lá se foram todas com Preta do Carvão até à casa da gigante Bagunça. Chegando lá, Ordem e Limpeza uniram-se e começaram a limpar e arrumar toda a bagunça. Logo, a casa estava limpa e com tudo em seu devido lugar. Então, Gargalhada foi até a estante e procurou um livro. Preta do Carvão nunca tinha visto um e ficou encantada quando a gigante começou a folheá-lo, procurando alguma coisa naquelas enormes páginas.

— Achei! — disse a Gargalhada eufórica, que explicou às demais:

— Este livro de magia explica direitinho como vamos conseguir chegar até o reino de Preta do Carvão!

No livro, estava escrito que, para chegar no reino do rei cruel, elas deveriam atravessar o Pântano Gigante, colher sete flores amarelas, que nasciam às margens do Rio do Lodo e plantá-las às margens do Rio Cristalino. As flores replantadas deveriam receber a luz da Lua Cheia por sete dias e, só depois, poderiam ser colhidas novamente.

Depois disso, cada gigante deveria cheirar a flor uma única vez, após isso, diminuiria de tamanho, ao mesmo tempo que o Pântano Gigante se converteria automaticamente para o Pântano do Oeste.

Assim, as gigantes partiram para sua missão com Preta do Carvão em uma de suas mãos. Entraram no pântano destemidas, caminharam por muito tempo, passando por vários rios e vegetação alagada. Preta do carvão ficava admirada com os diferentes tipos de peixes, patos selvagens, cisnes, salamandras, cobras d'água, jacarés, rãs, gaivotas, raposas, entre outras espécies gigantescas, que existiam ali. Mas sentia-se protegida na mão da gigante, que era muito maior do que qualquer uma daquelas espécies. Depois de muito caminharem, chegaram até o Rio do Lodo e perceberam as flores amarelas crescendo às suas margens.

A gigante Limpeza colheu as flores, com muito cuidado, colocando-as em um recipiente com água, para que elas sobrevivessem até o outro plantio. Andaram por mais algumas horas dentro do pântano e, por fim, encontraram o Rio Cristalino. Plantaram as flores e esperaram a luz da Lua pairar sobre elas. As folhas das árvores imensas estavam impedindo a luz do luar entrar, então a gigante Força arrastou a polpa das árvores e a luz da Lua chegou até as flores.

Como anoitecera e elas ainda ficariam ali por sete noites, a gigante Ordem providenciou o local para a estadia de todas, enquanto isso, a gigante Temperamento cuidava de espantar, com um sopro, os insetos que sobrevoavam as cabeças delas. Preta do Carvão sempre agradecia a gentileza das novas e grandes amigas.

Passadas as sete noites, as gigantes colheram as flores e seguiram seu caminho. Quando chegaram à parte Norte, colocaram Preta do Carvão no Chão e cada uma cheirou uma flor. De repente, todas diminuíram de tamanho; o pântano delas converteu-se

ao Pântano do Oeste e, dessa forma, todas avistaram as casinhas dos súditos do rei cruel.

Caminharam até as residências e ficaram horrorizadas com tanto descaso e pobreza. Todos os moradores estavam em seus trabalhos, por isso não viram as gigantes chegarem. Contudo, as gigantes tornaram a cheirar as flores, voltando todas ao seu tamanho normal. Nisso, todos do reino perceberam a presença delas e, apavorados, começaram a correr de um lado para outro. Foi quando Preta do Carvão gritou, pedindo para que todos não tivessem medo e escutassem o que as gigantes tinham a dizer. Então, a gigante Equidade começou a falar:

— Nós viemos de um lugar diferente e também queremos deixar diferente este aqui!

— De hoje em diante, esse castelo central não terá dono, não terá rei, pois será compartilhado por todos!

O rei, mesmo com muito medo, começou a resmungar, mas a gigante Temperamento soprou de leve sobre ele, o fazendo voar para o meio do povo.

A gigante Equidade continuou a falar:

— Nossa amiguinha Preta do Carvão, ou melhor, a Kali, nos pediu ajuda para que todos vocês tenham um grande futuro. Assim, resolvemos vir aqui e ajudá-la. Portanto, de hoje em diante, todos deverão seguir à risca nosso decreto, que assim está redigido:

— Todos participarão do banquete diário servido no castelo. Ninguém mais sentirá fome;

— Todos terão moradia confortável, onde possam descansar

e viver bem;

— Todos usarão roupas e sapatos favoráveis, de acordo com cada estação do ano;

— Todos terão educação de qualidade;

— Todos terão saúde e remédios gratuitos para quem necessitar;

— A carvoaria será extinta e todos deverão se ajudar, procurando fazer outras coisas que os deixem felizes e que lhes deem sustentabilidade.

— Todos deverão obedecer e respeitar um ao outro, caso contrário, levaremos os desobedientes para floresta, abandonando-os lá à própria sorte!

O rei, inconformado, interrompeu a gigante, dizendo:

— Ora! Para que tudo isso aconteça precisa de muita verba! Onde vocês pensam que vão conseguir?

— Aqui mesmo! — disse a gigante Força, retirando todo o telhado do castelo, revelando que, em uma das salas, havia um grande tesouro e, que se fosse redistribuído, todos ficariam bem.

O povo deu um grande brado de alegria, agradeceram à pequena Kali e às sete gigantes.

Kali pediu que as gigantes cheirassem novamente aquelas flores, pois com elas menores, poderia abraçar a cada uma em agradecimento. Depois que Kali abraçou a todas, elas se despediram e entraram no Pântano do Oeste. Lá dentro, sumiram de repente e somente a menina entendeu o que tinha acontecido.

Naquele dia, houve uma grande festa e todos ficaram felizes para sempre.

AMARA E ANTONELA



Por algum tempo, numa cidadezinha do Rio Grande do Sul, lá pela década de 60, Antonela, uma menina de 8 anos, ia para escola todas as manhãs, pedalando sua bicicleta rosa que ganhara da sua madrinha. Para chegar até à escola, a menina tinha que passar por uma casa velha, feita de madeira ao longo do caminho. A casa estava desabitada, mas logo se mudaram para lá uma família preta que veio do Nordeste. Nessa família, só havia três pessoas: o pai, a mãe e a filha, Amara, que também tinha 8 anos e que era muito esperta e gentil. Como sua mãe ainda não havia lhe matriculado na escola local, pois aguardava pelos correios os papéis das transferências escolares, Amara teve que ficar várias

semanas em casa e, por isso, sem ter muito o que fazer, costumava ficar na janela olhando as pessoas que passavam naquele caminho.

A cidade era composta de descendentes de imigrantes italianos, alemães, húngaros e outros povos de países europeus. Então, a família de nordestinos era a única naquele lugar. As pessoas não gostavam dessa família por conta da cor de sua pele e, devido a isso, nunca conversavam com eles, que viviam praticamente isolados socialmente. No entanto, tiveram que morar lá porque foi em uma das vinhas locais que o pai de Amara arranhou um trabalho.

Quando Antonela passava em frente à casa de Amara, ela sentia muito medo. Por isso, quando a menina percebia que Amara estava olhando pela janela, pedalava com mais força e passava em frente à sua casa com toda a velocidade do mundo, sem olhar para os lados. Infelizmente para Antonela, aquele era o único caminho possível para chegar até à escola.

Certo dia, quando Antonela estava passando bem em frente à casa de Amara, a sua bicicleta soltou a corrente, deixando-a desesperada. Foi quando Amara correu em sua direção e lhe disse:

— Deixe que eu lhe ajudo! Eu sei colocar de volta!

Antonela, que estava petrificada pelo medo, ficou ali só observando a habilidade de Amara que logo colocou a corrente da bicicleta no lugar e falou:

— Viu? Muito fácil! Já pode ir para sua escola. Logo, eu também irei. Estou esperando o Correio trazer meus papéis. Meu nome é Amara e o seu?

Ouvindo a voz suave de Amara, o medo de Antonela foi embora. Então, com sua voz tímida respondeu:

— Meu nome é Antonela. Muito obrigada por consertar minha bicicleta!

Depois, saiu pedalando rapidamente, ouvindo a Amara que ficou para trás, gritando:

— Na volta da escola, passe aqui para a gente brincar!

— Antonela não olhou para trás, mas foi à escola pensando se pararia na volta para conversar com Amara. Ficou tão emocionada que quase não prestou atenção na aula.

Na volta, Amara já a aguardava na janela e, quando avistou de longe sua suposta nova amiga, correu para a estrada.

Antonela parou. Não tinha mais medo. As meninas começaram a conversar. Amara criou coragem e perguntou:

Por que você, quando me via, aumentava a velocidade em frente à minha casa?

— Eu achava que você não era gente, que era um bicho, que era mau, algo do tipo... Me perdoe! — disse Antonela, envergonhada. Amara caiu na gargalhada e brincando falou:

— Pois, eu achava que você era uma alma penada sobre duas rodas!

As duas riram. Antonela foi para casa feliz, pois tinha encontrado uma amiga e, depois daquele dia, sempre parava na ida e na volta para conversar com Amara. Cada dia elas descobriam coisas novas sobre si mesmas, como o significado dos seus nomes. Que Amara era de origem africana, significando “graça, misericórdia” e que Antonela era de origem italiana, e significa

“aquela de valor inestimável”, “preciosa” ou ainda “valiosa”.

De fato, Antonela, mesmo sendo uma criança, já mostrava o seu valor de não segregar ninguém, mostrando para muita gente grande que o preconceito não tinha lugar em seu coração.

Enfim, depois de alguns dias, o carteiro entregou os papéis para a família de Amara e a menina pôde ser matriculada na escola. Então, no seu primeiro dia de aula, Antonela deu-lhe carona na sua bicicleta.

Quando chegaram ao portão que ficava na entrada, Amara, emocionada, porque iria voltar a estudar, segurou a mão de Antonela. As meninas entraram de mãos dadas na escola.

Amara percebeu que a cor da sua pele causava estranheza nos colegas, mas Antonela começou a falar-lhes do amor que as unia e a contar como foi que nasceu a amizade das duas, mostrando a todos o valor das diferenças. Os colegas entenderam que é possível viver em harmonia quando se conhece melhor uma pessoa e perceberam que cada um tem seu jeito de ser. Eles começaram a falar de suas diferenças e achavam graça ao revelar algo que lhes eram singular. Depois de algum tempo, tocou o sinal do recreio. Amara e Antonela já não brincavam mais sozinhas, pois o número de amigos havia se multiplicado ao seu redor.

JÉSSICA



Jéssica, na idade de dez anos, era uma menina muito teimosa: teimava com a mãe, teimava com o pai, teimava com a professora na escola, teimava com os vizinhos... Tudo tinha teima na vida dela e tinha que ser do jeito que ela queria.

Certa vez, onde ela morava, estava acontecendo uma Cavalgada. Como a cidade ficava no interior de Sergipe, muitos de seus amiguinhos possuíam cavalos. Ela entrou em casa dizendo que um amigo estava lhe oferecendo um cavalo para que ela pudesse também participar da festa. Mas a mãe logo alertou-lhe:

— Jessica, você não sabe montar! Não suba em cavalo nenhum!

A moleca balançou a cabeça confirmando a ordem da mãe e, depois, saiu.

Naquela tarde, quando sua mãe estava nos afazeres da casa, um dos meninos da sua rua entrou em casa adentro gritando:

— Acode, Maria! Jéssica montou em um cavalo e ele saiu em disparada pela cidade! Ela deve ter feito alguma coisa para assustar ou enfurecer o animal!

Maria saiu, como uma louca, correndo pela cidade, em direção aonde o povo apontava o caminho percorrido pelo cavalo desembestado.

Depois de poucos quilômetros, encontrou-a trazida nos braços por um bondoso senhor, que tinha pegado seu carro e saído em sua direção. Ele contou que o cavalo tinha brecado numa cerca de arame, na qual ela caiu e se arranhou toda.

Depois de ter levado uns belos cartões, o padrinho dela que, também tinha corrido atrás para salvá-la, colocou éter nas feridas a fim de desinfetá-las.

Jéssica gritava:

— Arde, padrinho! Arde, padrinho! Arde!!!

Mas ele era firme e, com voz brava, lhe dizia:

— Será que agora você aprendeu a lição e vai parar de teimar?

UM FANTASMA PRATEADO NA AULA DE ARTE



Na sala de professores, estavam quase todos presentes para a reunião, menos o professor de Arte, o Tomaz. Então, a professora de Ciências começou a falar:

— Ouvi dizer que o Tomaz não vem hoje, pois ontem à tarde resolveu fazer um trabalho de campo, levando poucos alunos do 5º Ano ao Teatro Municipal. O teatro já estava fechado, mas nosso colega conseguiu uma licença para dar aula no último horário. Quando as crianças pisaram no palco, se mostraram curiosas e meio assustadas. Então, aquele aluno medroso, o Martim, foi o

primeiro a expressar-se:

— Este lugar aqui, assim, sem as apresentações é assustador!

— O Rodrigo, muito curioso, prestava atenção em tudo, por isso foi logo questionando:

— Por que será que esse Teatro tem o nome de Teatro das Figuras?

— Eu ouvi dizer que é em homenagem a um menino que jogava bafo. — respondeu o Afonso, comendo um enorme sanduíche, que continuou:

— Um dia, não se sabe como, entrou uma ventania aqui dentro e as figurinhas do menino, que estavam em seu bolso, se espalharam todas pelo teatro! E quando terminou a sessão, seus pais foram embora, deixando-o para trás, pois não viram seu filho abaixado catando as figuras.

— Mas aí, a Beatriz, que é surda, quis saber o que os meninos estavam falando e Ana, muito inteligente, serviu-lhe de intérprete, explicando-lhe em Libras. O Tomaz parou de explicar sua aula para escutar a conversa das crianças, fazendo uma expressão suspeita e se interessando pelo lanche de Afonso que, com muito custo, acabou dando-lhe um pedaço.

— Então, a Leonor, que é mais metidinha e cheia de frescuras, falou:

— Você está inventando! Porque eu ouvi dizer que, na verdade foi por causa de uma mulher que mudava suas personagens várias vezes para o mesmo espetáculo e, um dia, bem na hora de entrar em cena, na correria, ela deixou de colocar um de seus acessórios mais importante: uma peruca. Daí, como ela entrou

em cena careca, todos riram dela. A pobre atriz, com muita vergonha, não saiu mais daqui. Como tinha uma figura dela bem grande no camarim, colocaram esse nome.

— Então, o Martim disse:

— Pois, eu ouvir dizer que foi por causa de um velho.

— Mas o Tomaz o corrigiu:

— Não fale velho, Martim! Diga: senhor de idade. Fica mais elegante para um rapazinho educado como você! Qual a sua hipótese?

— Infelicidade, professor! Por nunca ter sido a estrela principal. O tempo passou, ele envelheceu e agora sua alma vagueia aqui. Como ele era uma figura, colocaram esse nome.

— Só que, enquanto o Martim respondia, o Tomaz saiu do palco, como se procurasse algo atrás das cortinas. E os alunos ficaram sozinhos. Então, depois de um tempo, todos ouviram um longo assovio e com medo, se abraçaram.

— Um menino assoviou! — dizia Afonso.

— Uma mulher assoviou! — falava Leonor.

— Um velho que assoviou! — apontava Martim.

— Aí, escutaram um novo assovio. As crianças começaram a correr, procurando onde se esconder. Beatriz fez gestos para Ana, dizendo que também estava com medo, mesmo sem ter ouvido o som do assovio. Foi quando o Rodrigo deu por falta do professor.

— Então, o Martim falou:

— Ele foi abduzido pelo Fantasma da Ópera!

— Mas a Ana explicou-lhe que eles estavam em outro teatro e que o Fantasma da Ópera não morava aqui nessa cidade.

— Depois, eu ouvir dizer, sem mais nem menos, as luzes começaram a piscar no palco e as crianças gritaram em coro. De repente, apareceu um desconhecido e as crianças gritaram novamente. Mas ele as acalmou, dizendo:

— Calma, crianças! Não tenham medo! Eu me chamo Francisco, o iluminador! Estou a testar as luzes. Teremos apresentação em breve.

— A Leonor perguntou:

— Você viu o nosso professor?

— Não vi ninguém, não! Estava tão entretido com meu trabalho...

— Foi você quem assoviou? — ela quis saber também.

— Não. Eu nunca aprendi a fazer isso. — respondeu ele.

— Foi quando todos se olharam muito mais assustados, pois agora havia o mistério do assovio.

— Rodrigo, como não acreditou nas hipóteses dos seus colegas, perguntou:

— Por que Teatro das Figuras?

— Esse é um mistério que eu também quero saber, amiguinho! Mas eu ouvir dizer que talvez seja pelas figuras da parede.

— Francisco conversava com as crianças, procurando retirar alguma fiação solta pelo chão. Foi em direção à coxia, seguido por Beatriz, que logo voltou assustada.

— O que foi Biazinha? — perguntou Ana, que após ver a resposta, falou aos colegas:

— Pessoal! Beatriz disse que o iluminador sumiu. Evaporou!

— E aí, as luzes voltaram a piscar, deixando o palco um pou-

co escuro. As crianças caminhavam sem rumo, esbarrando-se umas nas outras.

— Quando tudo voltou ao normal, Afonso, retirando mais comida da mochila, falou:

— Eu já estou ficando nervoso e, quando fico nervoso, me dá mais fome!

— Pare de comer! Você vai explodir! — falou a Leonor, fazendo carinha de nojo.

Ana sugeriu:

— Vamos procurar atrás das cadeiras!

— O quê? São centenas de lugares! Quem vai descer desse palco? Melhor ficarmos todos juntos aqui mesmo e esperar o professor voltar! — disse Rodrigo.

Então, ouviram um novo assovio. Mas, dessa vez, um pouco mais longo que o primeiro. Logo em seguida, ouviram alguém gritando:

— Ai! Sai daqui! Fique longe de mim! Socorro!

— Foi a voz do professor! — dizia o Rodrigo.

— Não, foi a voz do iluminador! — falava a Ana.

— As luzes voltaram a piscar outra vez como se estivessem dançando e todos correram de um lado a outro, até deixarem o palco. Depois, ficou tudo escuro por alguns segundos, até que um novo assovio ecoou no Teatro. Após isso, Rodrigo voltou ao palco, empurrando um grande baú. Todos também voltaram surpresos com o achado.

— Leonor falou:

— Esse baú velho deve estar cheio de figurinos velhos e fe-

dorentos!

— Beatriz remexeu no cadeado, percebendo que já estava aberto. Quando as crianças abriram o baú, saiu um fantasma de dentro com roupas prateadas, de cabelos em pé e usando uma enorme capa. As crianças gritaram, tentando fugir, enquanto o fantasma sentava-se sobre o baú e ficava olhando o movimento com cara de paciência e sarcasmo. Quando as crianças se deram conta, pararam e foram até ele.

— Então, o Rodrigo perguntou:

— Você não vai correr atrás da gente? Não vai fazer buh?

— Já que vocês me acordaram, estou aqui pensando como levar todos para o meu mundo. Brincadeira! Eu sou bonzinho, não se preocupem! Ninguém nunca se preocupou com esse velho baú. Por isso, sempre descanso dentro dele. Vocês são crianças bem espertas e fortes!

— Então, colegas, as crianças já não viam mais tanto perigo e começaram a fazer-lhe perguntas. E o fantasma, como se estivesse atuando em espetáculo, começou a dizer:

— Meu nome é Palop! Palop Pereira Silva e Silva. Eu já estou aqui há muito tempo. Ora me divertindo com as trapalhadas dos artistas... Ora deprimido pela solidão, por estar sempre tão sozinho... Nunca ninguém quis saber de minha pessoa. Mas, agora, eis a minha grande oportunidade!

— Palop é um acrônimo de país africano de língua oficial portuguesa. — disse Ana.

— Mas é isso mesmo, menina sabida! Minha mãe achava linda essa palavra e assim pôs em mim. — respondeu ele.

— E por que Silva duas vezes? — perguntou Rodrigo.

— Um Silva de meu pai, Santiago Silva, e um Silva de minha mãe, Madalena da Silva. Ah! Sabiam que eu gosto de assoviar?

— Assim, disseram-me que, ao escutar isso, as crianças fizeram uma expressão, olhando-se e justificando o que haviam escutado anteriormente. Entretanto, o fantasma continuou a falar de si:

— Não tenho amigos. Todos se foram. Antes, eu tinha um cachorrinho vira-lata que me fazia companhia, mas depois ele morreu. Tadinho!

— Coitadinho! — exclamou Afonso, que aproveitava para dar mais uma abocanhada em um baita sanduiche.

— E para encurtar essa história... Então, você resolveu assustar as pessoas? — quis saber o Martim.

— Não. Eu só estava tentando fazer amizade. Passei tanto tempo aqui trancado. Muito tempo mesmo! — lamentou o fantasma.

— As pessoas vêm assistir aos espetáculos, depois vão embora e aqui fica um lugar muito vazio, triste e solitário. Até os funcionários não me dão atenção.

— Ele disse isso olhando para o Francisco, que tinha acabado de voltar ao palco, ainda tentando arrumar a fiação. Francisco, acreditando que se tratava do professor das crianças, pediu desculpas e continuou seu serviço:

— Desculpem-me! Não quero atrapalhar vocês! Podem continuar sua aula sossegados! Eu já estou indo, já está tarde e, por hoje, já terminei o meu serviço!

— Ninguém me dá importância mesmo! Por isso, eu assovio. O assovio é como um canto, imita o som do vento. Já pensou se eu cantarolasse? Não sou bom cantor. Mas contarei um segredo: somente quem tem coração puro, consegue ouvir-me assoviando.

— Eu ouvi! — disseram as crianças. Até a Beatriz fez um sinal de positivo.

— Eu não ouvi nada! — falou Francisco, já com sua mala de ferramentas nas mãos e foi embora. As crianças acenaram para ele e voltaram a conversar com o fantasma:

— Palop é bonito! É diferente, pelo menos! — disse Martim, já sem medo.

— Eu acho é elegante. Vocês não acham? — perguntou o fantasma.

— Essa história me deu mais fome! — falou Afonso, procurando mais comida em outra parte de sua mochila.

— E, assim, eu ouvi dizer, que a Beatriz teve a ideia de fazer uma homenagem para o novo amigo, pois logo teriam que ir embora, deixando-o sozinho. Então, começaram a cantar e a dançar em volta do fantasma, envolvendo-o em sua canção.

— Mas antes da música acabar, Leonor questionou:

— Sinceramente! Vocês estão acreditando nessa história toda? Parece mais um mendigo que vem para cá só dormir! Vem essas roupas! Isso não é coisa de fantasma!

— Foi aí, colegas, que o fantasma enfureceu-se dizendo:

— Ah, é assim? Querem ver o que eu posso fazer?

— E, de repente, as luzes voltaram a piscar e o fantasma começou a flutuar. As crianças apavoradas, lembraram que Fran-

cisco já tinha ido embora. Não poderia ser ele mexendo nas luzes. Começaram a correr sem rumo, enquanto o fantasma voava pelo palco, dando risadas estarrecedoras. Depois, desapareceu. As crianças ficaram olhando para cima, tentando ver o fantasma. Beatriz gesticulou, dizendo ele, o fantasma, tinha ido embora.

— Ai, que medo! Minhas perninhas estão petrificadas. Não consigo sair do lugar! — afirmou Martim.

— Foi quando, sem mais nem menos, o professor Tomaz voltou com gestos de aliviado, como se tivesse passado por um grande sufoco.

— Por que o senhor sumiu? — perguntou-lhe Leonor.

— Vocês não acreditam! Eu comi um pedaço de lanche do Afonso e logo me deu um reboliço aqui dentro. Saí para procurar um banheiro. Como dizem: estava lá, atolado, até agora! — respondeu Tomaz, que logo foi retrucado por Afonso:

— Deve ter sido outra coisa que o senhor comeu, professor, porque até agora eu não senti nada. Só mais fome mesmo! Ainda bem que a hora da janta é daqui a pouco!

— Nós ouvimos um grito de socorro, professor. Quem será que gritou? — perguntou Martim.

— Acho que fui eu. Tinha uma barata enorme em cima do vaso sanitário. Tenho pavor a esses bichos! — Tomaz respondeu.

— O senhor perdeu a melhor parte: descobrimos um fantasma que habita nesse teatro. — disse o Rodrigo.

— Aí Tomaz falou:

— Eu fico admirado com a imaginação fértil de vocês! Vamos embora, porque acho que vou precisar visitar o banheiro nova-

mente.

A professora de Ciências encerrou a história, dizendo que o professor Tomaz poderia ainda estar com dor de barriga, por isso faltaria àquela reunião.

Ela concluiu:

— Todos foram embora, com as crianças contando ao professor Tomaz o que acontecera na sua ausência. Quando todos saíram, as luzes piscaram e um longo assovio ecoou.

— Quem lhe contou isso tudo em detalhes? E como você sabe que as luzes piscaram e que houve um assovio? — perguntou a professora de Matemática para a de Ciências.

— Bem, assim eu ouvi dizer! — respondeu ela.

Escutando a história da professora de Ciências, os professores não deram conta do passar de tempo. De repente, faltou energia na cidade. Todos escutaram um longo assovio naquela sala de reunião.

BICUDO, UMA AVEZINHA DIFERENTE



Na fazenda de Dona Catarina, os animais abrigavam-se assim: os porcos numa pocilga, as galinhas no celeiro, os bois, os cavalos e os carneiros em um pequeno curral e os cachorros e os gatos viviam dentro de casa. Ela gostava muito dos seus animais e conversava com eles como se fossem gente e até pareciam entender sua dona.

Na hora de dar-lhes comida, Dona Catarina chamava todos ao oitão da casa, fazendo um som diferente para cada espécie. Cada grupo de animais tinha o seu horário de comer, menos as galinhas que, quase sempre, viviam soltas, ciscando e bicando

toda a comida que via pela frente. A alguns metros da casa, existia um lago enorme com algumas plantinhas aquáticas.

Um dia, a sobrinha de Dona Catarina foi visitá-la, levando-lhe, de presente, uma cesta cheia de ovos. Catarina percebeu que, dentre os ovos, havia um pintalgado de branco e preto. Então, ela resolveu colocar debaixo de uma galinha para que chocasse, curiosa para ver que tipo de pintinho iria nascer.

Passadas algumas semanas, nasceu uma avezinha bem diferente. Parecia ter rabo de pavão, penas de pato e bico de guará: bem fino, longo e levemente curvado. Dona Catarina deu-lhe o nome de Bicudo, porque o que mais chamava a atenção nessa avezinha era o tamanho do seu bico, desproporcional ao seu corpinho.

De tão grande que seu bico era, quando Bicudo andava, tropeçava nele mesmo, e todos os animais da fazenda riam dele. Ninguém queria estar com Bicudo, nem os pintinhos nem as galinhas, nem animal algum, pois Bicudo não sabia andar, não sabia nadar, não sabia voar... E, pelo jeito, não sabia nada e não tinha nada de especial.

Os animais costumavam gabar-se de suas próprias qualidades. Achavam Bicudo esquisito e, o tempo todo, desprezavam-no. Passados alguns dias, a avezinha ainda não tinha mostrado para que veio ao mundo, permanecendo triste e isolada de toda a bicharada.

Um dia, chegou o tempo da vacinação de cães e gatos, então Dona Catarina teve que levar seus bichinhos de caminhoneta até o postinho da cidade, deixando dentro de um cesto cinco gati-

nhos que uma gata havia parido há poucos dias.

Os gatinhos ficaram inquietos e um deles saiu andando sem rumo. Depois de ter rodado quase todo o oitão da casa, tchibum! Caiu no lago. Os outros gatinhos que ficaram no cesto começaram a miar desesperados:

— Míaaauuu! Míaaauuu! Salvem nosso irmãozinho!

— Se eu entrar nesse lago, vou sujar toda a água. Eu não posso! — disse o porco.

— Eu sou muito pesado, se eu entrar nesse lago eu vou afundar! — afirmou o boi.

— Eu também não posso, pois vou molhar toda a minha lã e está fazendo um frio tremendo. Depois quem vai me secar? — apontou o carneiro.

— E eu não vou poder também! Se eu tentar salvá-lo, posso pisotear o bichaninho com meus cascos! — falou o cavalo.

Enquanto os animais arranjavam uma desculpa para não retirar o gatinho que estava se afogando, Bicudo veio correndo desengonçadamente e, simplesmente, parou à beira do lago, esticou seu longo bico e retirou o bichano da água, salvando-o do afogamento.

Os animais ficaram admirados com a proeza de Bicudo e começaram a aplaudi-lo.

— Que bravura! — disse o porco.

— Que proeza! — falou o boi.

— Que coragem! — afirmou o carneiro.

— Que façanha! — também disse o cavalo.

— Que herói! — anunciou um gatinho que já estava saindo

do cesto, mas Bicudo colocou-o de volta, empurrando-o com seu bico.

Quando Dona Catarina voltou, os animais começaram a fazer barulhos estranhos, como se estivessem contando o que tinha acontecido em sua ausência.

Ela falou:

— O que vocês andaram aprontando, hem?

Os cachorros e os gatos entenderam bem o que a bicharada tinha dito. E a mãe gata ficou muito agradecida por ter o seu filhote salvo.

Depois desse dia, Bicudo não era mais o esquisito para a bicharada, que já não o desprezava. Ele também passou a ser admirado pelas pessoas que chegavam à fazenda de Dona Catarina para vê-lo. Bicudo era um bicho diferente. Ele era único.

OS DANDARES DA MINHA LEITURA



As grandes jornadas começam com os primeiros passos. Demorei muito para compreender o que significavam essas palavras escritas na contracapa do meu livro de primeira série.

Foi lá, no interior de Sergipe, que as palavras presentes nos livros se apresentaram primeiramente para mim. Ainda recordo como a professora mandava-nos soletrar as palavras: Marcelo, Rosinha e Marquinho. Três crianças que eram personagens principais de uma coletânea de livros para aqueles anos iniciais e que tinham uma galinha chamada Cocota. Naqueles anos, meus irmãos e eu começávamos a nos alfabetizar. Dizia a professora: “MÊ A RÊ MAR – CÊ É CÊ – LÊ Ó LÓ – MARCELO.” MÊ A RÊ MAR – QUÊ U I QUI – NÊ AGÁ Ó NHÓ – MARQUINHO, RÊ Ó

RÓ – SI I SI – NÊ AGÁ A NHA – ROSINHA...” E assim, acontecia a soletração para a alfabetização de toda a classe.

Recordo que o Marcelo tinha um barquinho amarelo feito de papel, Marquinho tinha um cavalinho branco e Rosinha tinha uma galinha chamada Cocota, que colocava ovo azul. Essas três personagens crianças eram tão presentes na minha vida, que a galinha de casa também se chamava Cocota. E nossa Cocota, que era um pintinho doado pelo meu avô, cresceu e teve várias ninhadas até morrer de velha, indo à panela, porque matá-la antes era proibido. Comemos todos com muita tristeza, mas a comemos. E, nessa refeição, somente falava-se das inúmeras ninhadas que Cocota punha e que ela até parecia ter inteligência, como a Cocota do livro.

Naquela época, éramos devoradores de livros, gostávamos também de ler O Barquinho Amarelo, Cocota, Meu Cavalinho Branco e outras histórias da escritora Iêda Dias da Silva. Depois, no segundo ano, meus irmãos e eu deliciávamo-nos com Meninos Travessos de Maria Yvonne Atalécio de Araújo, com as histórias de Mestre dos Mestres, Fogão de Ferro, Comprido, Largo, Vista Aguda e tantas outras que nos faziam sonhar e viajar pelo mundo encantado das letras e da fantasia. Nesse livro, também tinha a história Quem Matou os Filhotes de Dona Lontra? Que fazia-nos conhecer os diferentes tipos de animais e entender um pouco de justiça já nos primeiros passos da escolarização.

Lá em casa, os pintinhos da nossa Cocota viviam comendo migalhas embaixo da mesa, e, um dia, tragicamente, um deles acabou sendo esmagado por alguém. Minha mãe o pegou, colo-

cou suas tripas de volta e costurou-o com linha da sua máquina de costura. Acreditem: o pintinho sobreviveu! Minha mãe era meio médica, porque ela cuidava muito bem da saúde de seus sete filhos. Quando fomos acometidos de sarampo, era ela quem nos dava o remédio, indicado pelo farmacêutico, quem nos aplicava a injeção e nos dava banho separados, numa bacia de alumínio. Na casa do meu avô, que morava num sítio, tinha um pé de café e, quando a gente o visitava, ia verificar se o pé de café também balançava com o vento, igualmente como via a Rosinha no livro Cocota. Imitávamos a menina, pegando nas folhas verdes e sentindo o gosto do café maduro e vermelho.

Eram tempos de lavar roupa e pratos no rio. Mas, às vezes, minha mãe lavava os pratos na bacia de alumínio em casa. Ela colocava sabão em pó com água na bacia e pedia para a gente agitar o sabão na água, as bolhas subiam e soprávamos as bolhas, imitando as crianças do livro: puf... puf... puf... Mas nunca tivemos um cavalinho como Marquinho, nem branco nem marrom, nem de cor alguma, somente nos desenhos que minha irmã mais velha costumava fazer, pois ela era muito boa em desenhar. No entanto, também, não dava para pintar de branco. E nos dias de chuva? Ah! Como eram bons! Observávamos a correnteza das águas à beira das calçadas, porque naquele tempo nossos esgotos eram a céu aberto e eram neles que, mesmo debaixo da chuva, colocávamos nossos barquinhos de papel para as águas os levarem. Às vezes, tomávamos bronca, às vezes ficávamos resfriados, mas o que importava? O que importava mesmo era nos divertirmos debaixo da chuva, correr nas ruas alagadas e viver a vida infantil.

Eu ficava imaginando como era que a vida de meus irmãos e a minha se parecia tanto com as histórias de Marcelo, Rosinha e Marquinho... Acreditava que existia um espião que nos assistia e depois reproduzia as histórias no livro. Imaginava mil coisas, sobretudo que alguém estava lendo a minha vida e que eu era famosa no mundo todo.

Cheguei à fase adulta, porque as crianças crescem e o desenlace da sua imaginação de infância acaba revelado pelas palavras ressignificadas, transversalizadas e incorporadas na vida de quem cresceu. Mas que nunca perdeu o encantamento pueril. Foi assim que compreendi a frase do chinês Lao-Tsé, escrita na contracapa do meu livro e entendi que depois daquele primeiro passo, comecei a minha grande jornada como leitora dos livros e da vida.

CONTOS DE QUEM CONTA

Escritora: Edilma Silva Santos
Pedagoga, mestra e doutoranda em Ciências da Educação, fundadora do GAITA-Grupo Animado Infantojuvenil de Teatro Areia-branquense e da ALAB-Academia de Letras Areia-branquense, cadeira nº 01; membro da AMS-Academia Municipalista de Sergipe, cadeira nº 27; contadora de histórias no canal do YouTube; ganhadora de vários prêmios, dentre eles: o Prêmio Alpha Lumen de Criatividade na Educação, do Instituto Alpha Lumen; Prêmio Professores do Brasil em 2017 e 2018, na etapa Estadual, categoria pré-escola; 1º lugar nas categorias Educadores de Ouro e Personalidade do Ano, no evento Melhores do Ano 2019 de Areia Branca; 1º lugar no Concurso Literário Virtual Academia de Letras e Artes de Paranapuã. Nasceu em Aracaju e atualmente mora em Areia Branca/SE.



Ilustrador: Enoque Alves Frades Neto
Nascido na Cidade de Juazeiro do Norte, foi naturalizado Sergipano aos 3 anos de idade. Desenha desde a infância, aperfeiçoando técnicas próprias e obras utilizando-se de papel e lápis, pinturas em tela, esculturas, Lettering, artes digitais incluindo idealização de logomarcas, “designer de planilhas eletrônicas” dentre outros. Graduado em Administração de Empresas, atuou como Operador de Merchandising em uma grande rede de varejo, onde seus conhecimentos artísticos foram expressivamente aplicados no departamento de Marketing. Dentre os seus trabalhos, destacam-se as ilustrações da obra de Elenildo Pereira no Livro “A Face do Morto” de 2005.

